

EXPERIÊNCIA E INFLUÊNCIA JORNALÍSTICA NO ROMANCE *MEMÓRIA DE SETEMBRO*, DE RICARDO RAMOS¹

Najla Daniele Santos²
Aroldo José Abreu Pinto³

RESUMO

Este artigo busca evidenciar a influência jornalística presente na obra *Memória de Setembro*, escrita pelo literato e jornalista brasileiro Ricardo Ramos. Por meio da observação dos elementos de escrita característicos do jornalismo, assim como da própria experiência do autor como jornalista, pretende-se ponderar, neste romance, sobre alguns dos elementos que lhe dão verossimilhança e também apontar algumas vertentes do estilo jornalístico do escritor na citada narrativa.

Palavras-chave: ricardo ramos, jornalismo, literatura, *memória de setembro*.

Introdução

Resultado de pesquisas realizadas junto ao Projeto “Organização e Disponibilização do Acervo de Ricardo Ramos: segunda etapa” – financiado pelo CNPq (2012-2013) e Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UNEMAT –, o presente trabalho propõe uma discussão relacionada à influência literária e jornalística deste autor que tem sua atuação marcada por representar o contexto sociocultural brasileiro. Para a pesquisa foram utilizados os documentos publicados em periódicos do acervo do autor, que atualmente estão disponíveis para consulta na Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Alto Araguaia.

Com base na perspectiva estilística que perpassa o jornalismo e a literatura, entende-se que, assim como o jornalista utiliza de elementos literários em sua produção, também é possível encontrarmos vertentes típicas do jornalismo intercalados na literatura. Escritor literário e jornalista, Ricardo Ramos conduziu seus trabalhos com a

¹ Trabalho realizado como resultado da Bolsa de Iniciação Científica vinculado ao Projeto “Organização e Disponibilização do Acervo de Ricardo Ramos: segunda etapa” (CNPq 2012-2013).

² Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, *campus* de Alto Araguaia. E-mail: najla_ninha@hotmail.com

³ Professor Doutor do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, *Campus* Regional de Alto Araguaia. E-mail: aroldoabreu@uol.com.br

confluência destes dois estilos distintos – e ao mesmo tempo engajados entre si –, prática que fomentou a produção desta análise.

Dessa forma, tendo como *corpus* o livro *Memória de Setembro*, assim como os periódicos em que há a presença de crítica sobre este romance, foi possível estabelecer uma conexão com estudos da área do jornalismo nos quais abordam sobre o estilo de escrita nas redações. Os comentários e críticas veiculados nos periódicos, considerados como gêneros opinativos da produção jornalística (MELO, 2003, p. 102-103), tornaram-se parte fundamental na compreensão do que contextualizou este romance. Assim, esta análise foi feita no intuito de colaborar e expandir conhecimentos sobre os estudos relacionados à produção de Ricardo Ramos.

A produção e a feição jornalística do romance

O livro *Memória de Setembro* foi lançado em 1968, sendo o primeiro e único romance escrito pelo escritor, jornalista, publicitário e advogado, Ricardo Ramos, que na época estava com 39 anos. A obra divide-se em vinte e duas partes que se assemelham a contos e que, intercalados, descrevem a vivência profissional e social de um jornalista nortista que há anos reside no Rio de Janeiro. Juntamente com os relatos desse protagonista, tanto o publicitário Queirós quanto Rogério, que se apresenta como corretor de imóveis, são responsáveis por conduzirem discussões e compartilharem suas experiências uns com os outros.

O panorama descrito sobre a ‘Cidade Maravilhosa’, como definiu o escritor Coelho Neto em 1908 – expressão adaptada também na marchinha carnavalesca de André Filho (MELLO, 2012, p. 1), na perspectiva de Ricardo Ramos adquire uma conotação acinzentada que, por vezes, demonstra o estilo literário pragmático e reflexivo do autor. Apesar de o romance ser uma obra ficcional – e, ser defendida como tal –, é possível também perceber a proximidade com que a própria história do escritor pode tê-lo inspirado a redigir tal obra.

Quinto filho de Graciliano Ramos, um dos mais renomados escritores brasileiros, Ricardo Ramos nasceu no agreste alagoano, em Palmeira dos Índios, no dia quatro de janeiro de 1929. Assim que seu pai foi preso, durante a ditadura do governo

Vargas, em 1936, Ricardo Ramos passou a ser criado por seu avô materno e ficou distante de seu pai até 1944 quando, finalmente, o encontrou já no Rio. Dessa forma, foi entre 14 e 24 anos que Ricardo Ramos passou a referenciar seu pai como um exemplo de postura literária a ser seguido e, nessa mesma época em que se consolidava a sua formação peculiar pela literatura brasileira, iniciou-se também as experiências na prática jornalística e, por fim, acadêmicas no curso de Direito, o qual se formou, mas não o exerceu.

Apesar de ter iniciado sua experiência no jornalismo com 15 anos de idade, foi com 18 que resolveu se arriscar e escrever seu primeiro conto, “Um caminhão no asfalto”. A partir de então, a vida profissional como jornalista na imprensa carioca rendeu-lhe a oportunidade de redigir e publicar diversos contos, tanto em jornais (suplementos literários) como em revistas da época, sendo que, em alguns finais de semana, chegou a ter seus contos publicados em três periódicos simultaneamente, o que lhe rendeu uma margem de cem contos avulsamente pagos pela imprensa. Ainda no Rio de Janeiro, em 1954, Ricardo Ramos escreveu seu primeiro livro no qual nomeou *Tempo de Espera*.

Em 1957, Ricardo Ramos mudou-se para São Paulo, onde residiu por mais de 30 anos. Neste período de sua vida, dedicou-se à propaganda e foi também um dos diretores de uma das maiores agências publicitárias do Brasil. Contudo, Ricardo Ramos, mesmo durante este processo de transição e adaptação no trabalho de viés administrativo que o exigia, não deixou de escrever suas obras literárias – dentre elas, o romance *Memória de Setembro* –, produções sempre acompanhadas pelo seu estilo crítico e sucinto.

O estilo de escrita do autor possui particularidades no que diz respeito à forma precisa e essencialmente sem exageros de palavras. Assim como Ricardo Ramos Filho descreveu o pai, o mesmo “não podia disfarçar o seu pendor para a história curta”⁴, uma vez que, na busca pelas palavras ideais, trabalhava cada parágrafo e período com ênfase na observação rítmica, exatidão e substituição de termos que considerava desnecessários. Assim, o resultado de seu esforço lhe rendia obras concisas, porém completas pelas suas imagens.

⁴ O universo silencioso de Ricardo Ramos. (janeiro, 2013). Disponível em: <http://escritablog.blogspot.com.br/2013/02/ricardo-ramos-por-ricardo-ramos-filho.html>. Acesso em: 21 jul. 2013.

De fato, o teor crítico social abordado pelo autor em suas obras tornou-se também uma referência no que concerne a dinâmica realista dos textos de Ricardo Ramos. A conexão com a realidade vivenciada se transpôs para as crônicas do cotidiano e demarcou a preferência do autor em relatar os acontecimentos ao seu redor, a partir das características literárias de produção. Sendo assim, apesar de defender o caráter ficcional de suas obras, uma afirmação que buscava preservar ao máximo, não há como o distanciar – principalmente quando relacionamos períodos de sua própria história – dos acontecimentos por ele aprofundados.

A realidade retratada por Ricardo Ramos representa uma dinâmica criativa da sua visão dos problemas e dos questionamentos sociais que o rodearam. Sendo assim, a vivência e a similaridade dos relatos traçados de forma literária, entende-se como a realidade individual do autor que se apoiou como ponto inicial para as suas discussões, um começo que fundamentou o foco de toda a criação posteriormente escrita. Com relação esta similaridade com as próprias experiências do seu pai, Ramos Filho (2013, n.p.) recorda em seu blog:

Era comum lá em casa ouvir meu pai lendo os contos que escrevia para a minha mãe. Ele gostava de opiniões e ela sempre foi excelente leitora possuidora de um gosto crítico apuradíssimo. Essas leituras, desde muito cedo, me fizeram entender que as histórias muitas vezes brotavam da realidade. Certa vez, ouvindo muito de perto e calado como sempre, resolvi falar, identificar cenários e pessoas. Eu conhecia tudo aquilo que estava sendo lido. Palmeira dos Índios, meu tio-avô Clóvis, irmão de Graciliano, a gente lá nas festas de fim de ano, Natal. O conto que seria mais tarde publicado em *Matar um homem*, coletânea publicada em 1970, e se chamava *Ano novo com meu tio*, tinha referências muito claras. Papai não gostou, ficou até um pouco impaciente. Afirmou-me escrever ficção, nada do que estava lendo era real. Demorei anos para entender. Na época, com cerca de quinze anos desconfiei, não fiquei inteiramente convencido. Por que estaria ele tentando esconder uma coisa tão óbvia? Mais tarde, nas inúmeras vezes em que vi meu pai interromper seu interlocutor e agradecer pelo conto que tinha acabado de receber, sempre muito feliz ao reconhecer as possibilidades de um relato, continuei estranhando. Eu vivia encontrando em seus textos coisas conhecidas. Só bem mais tarde pude entender o zelo com que preservava seu foco ficcional. A gente, é claro, parte da realidade, mas é apenas um começo, uma ideia, o resto é criação.

O romance *Memória de Setembro*, por sua vez, apesar de ser uma obra ficcional – com possibilidades de interpretações independentes dos vínculos próximos a vida do

autor –, também exemplifica significativamente a transição histórica que Ricardo Ramos obteve ao longo do tempo: sua mudança de Maceió para o Rio de Janeiro e logo após para São Paulo; e também das profissões em que trabalhou sendo escritor, jornalista e publicitário. Assim, dentre as particularidades que se seguem neste romance, é possível ressaltar que toda a vivência do autor – principalmente com relação à prática jornalística – se tornou a base que alicerçou a realização desta obra.

Linguagem literária da prática jornalística

A obra *Memória de Setembro*, lançada pela Editora José Olympio em 1968, foi o primeiro romance escrito por Ricardo Ramos. Com pequenas histórias distribuídas em vinte e dois capítulos, o narrador apresenta seus personagens envolvidos em seus dilemas, pensamentos e intercalados por situações que aproximam esses personagens uns aos outros. A história se passa no Rio de Janeiro e também é citada pelos críticos como sendo o retrato da ‘cidade cinza’, pois além do hábito de fumar marcante dos personagens – cinzeiros e sua fumaça, a descrição feita pelo narrador projetou a imagem de um ambiente acinzentado e emblemático.

O livro apresenta o personagem principal Rogério, como um “intelectual, jornalista, vivendo como que à procura de si mesmo, de uma explicação que não chega a encontrar no trabalho, nos livros, no próprio amor” (BELO, 1968, p. 6). Rogério que veio do norte do país, também é apelidado de ‘poeta’, e certo dia, ao procurar pauta para a redação em que trabalha, acaba por presenciar a prisão de Laureano do Carmo, trabalhador de meia idade que em um ato de desespero para sustentar a família se encontrou encurralado após ter cometido furto.

Neste mesmo ambiente de redação, para compartilhar experiências e discussões as mais diversas possíveis, Rogério se encontra amparado na amizade de Jorge e Queirós, sendo estes sucessivamente, um corretor de imóveis e o outro publicitário. Dessa maneira, os personagens possuem “cada um com o seu drama particular, seus problemas, seu pequeno mundo, miúdas parcelas que somadas a outras fazem o grande carrossel de desencontros e identidade” (BELO, 1968, p. 6).

Dentre os personagens secundários, a indecifrável Isabel se destaca pelo romance que inicia com Rogério, assim como o drama de Andrade, chefe do jornal, cuja esposa falece aparentemente por ter ingerido excesso de tranquilizantes.

Em sua maioria, o assunto retratado no romance diz respeito à literatura e trabalhos feitos e/ou arquivados, uma discussão sobre o tempo determinado de se ganhar dinheiro e o tempo de escrever, sobre a vida urbana cotidiana. Assim, podemos entender esta obra como “um romance sobre escritores que não escrevem: ou porque não têm mesmo talento, ou porque se desgastam demais na luta pela sobrevivência e voltam para casa estourados, após oito, nove, dez horas de trabalho monótono e mercenário” (NASCIMENTO, 1968, p. 83).

Portanto, o modo com que Ricardo Ramos apresentou sua obra fez transparecer sua experiência na área jornalística, principalmente com relação ao seu estilo de escrita conciso e objetivo. Na prática de redação, a objetividade é um dos critérios necessário para a consolidação do texto noticioso, uma vez que esta qualifica o trabalho do profissional. Por isto, “o jornalismo, que tem entre suas regras básicas a de um relato objetivo, apresenta na própria narrativa a dimensão humana mais subjetiva de forma objetiva” (KARAM, 2004, p. 42).

Para garantir essa objetividade dos fatos veiculados nas mídias, o profissional de jornalismo se aperfeiçoa mediante a escrita de modo impessoal, sem adjetivação ou opinião própria – esta é uma tentativa de priorizar o relato para que o público, por si só, opine a respeito. Dentre algumas características do texto jornalístico, podemos citar: “concretude, expressão das aparências e não da sugestão, texto sintético, limitação do repertório verbal e redação em terceira pessoa” (BENASSI, 2007, p. 1794). A partir dos estudos de Lage (apud BENASSI, 2007, p. 1794), compreende-se que,

a linguagem jornalística também se relaciona com: registros de linguagem (o formal e o coloquial), o processo de comunicação (uso quase obrigatório da 3ª pessoa) e compromissos ideológicos (grandes e pequenas questões da ideologia estão presentes na linguagem jornalística, porque não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico).

As técnicas presentes no jornalismo também se manifestam juntamente com a literatura, em casos específicos, sendo uma influente da outra. Assim, quando há a inserção dos elementos literários na produção jornalística – mas, este último sendo

predominante em apuração e fidedignidade com a representação da realidade, se denomina jornalismo literário. Por sua vez, como presenciamos através desta obra de Ricardo Ramos, é possível encontrarmos também a influência do jornalismo na literatura. Desta forma, “mesmo com uma ideologia regendo uma clara fronteira entre ficção e realidade, pode-se perceber que, de certa forma, ambos se misturam” (FONTANA, 2006, p. 326).

Recepção crítica sobre a obra

Dentre as críticas feitas sobre o romance *Memória de Setembro* nos periódicos de 1968 e 1969, ressaltam-se os enfoques prescritos que abordavam desde os valores humanísticos e sociais da obra até mesmo sobre a auto representação do autor no romance. No que diz respeito ao estilo literário de escrita de Ricardo Ramos, de fato, este foi identificado sendo “o mesmo dos contos: enxuto, econômico e, sobretudo descritivo” (PÓLVORA, 1969, p. 95). Ao apresentarem o romance como uma produção em cuja produção, por sua vez, destacam:

não há adjetivos sobrando nem verbos dispensáveis. Nota-se da primeira à última página o artesanato cuidado do premente, resulta disso talvez a única falha do livro: a ausência quase completa de emoção. (...) São estreitas as perspectivas dos personagens de **Memória de Setembro**. E dolorosa a sua leitura. Não se trata obviamente de livro recomendável às pessoas que alegremente se deixam triturar todos os dias na engrenagem indolor e insossa da rotina (NASCIMENTO, 1968, p. 83).

Pelo fato de privar-se dos adjetivos e envolvimento emocional, a obra foi tida como um ‘romance de observação’, “sem rebarbas sentimentais nem pseudópodes ideológicos; escrito com rigor e vigor, limpo de impurezas estilísticas, isento dos resíduos amadorísticos que deformam tantas obras de ficção” (MARTINS, 1969, p. 4). Para alguns críticos, essa perigosa travessia do conto ao romance, apesar de ser escrito com fluência e nitidez, esteve em “tropeços e gargarejos de palavras, vícios denunciadores imediatos do falso experimentalismo” (MOUTINHO, 1969, p. 46). Já com relação à estrutura do romance, este, por sua vez,

não conta uma história, com sequência, mas várias, que se cruzam. É, assim, como uma montagem, de diferentes peças,

que se harmonizam no conjunto. Voltado para o flagrante de fatos e instantes, em que a vida é apanhada ainda quente e nervosa, o descritível predomina em suas páginas em linguagem trabalhada seca, direta, despojada de artifícios. Aliás, o forte de Ricardo Ramos, como escritor, sempre foi o estilo (FISCHER, 1969, p. 11).

A ficção urbana realista escrita por Ricardo Ramos também se destaca pela “originalidade do ângulo de focalização e a limpidez da técnica com que o autor põe em andamento a problemática dos personagens” (BARBOSA, 1969, p. 2), uma vez que apresenta as relações psicológicas e sociais dos mesmos. A análise psicológica dos personagens está presente em meio aos “conflitos entre o homem e o meio, ou entre os próprios homens acoitados pelo ódio, pelo amor, pelas ideias, constituem a tessitura desse primeiro romance” (ACÁCIO, 1968, p. 15).

No que concerne aos valores sociais presentes na obra, podemos considerar que o autor, dentre todos os elementos, priorizou a humanização de seus personagens, pois ao traçar uma descrição realista interagiu com o ambiente e a situação que, mesmo sendo ficcional, direciona o leitor a se imergir no romance. Desta forma, “inserindo dois planos na sua história – o plano social e o plano do drama individual – Ricardo Ramos deu ao seu novo livro um rigoroso sentido de totalidade, de amplitude, onde o homem e a sociedade se completam e interpenetram mutuamente” (ACÁCIO, 1968, p. 15). Logo,

sua linguagem, alternando entre a objetividade do narrador e o menino de quem mergulha no íntimo do homem acuador, ou de qualquer ser humano, reflete bem as duas nuances: - clara, seca, sem adjetivação ali, para tornar-se fremente e ambígua como a personalidade de cada um que vai fruindo na vida (ANDRADE, 1969, p. 4).

Esta expressividade melancólica do Rio de Janeiro – a ‘cidade cinza’ –, assim como as relações dos personagens do romance, evidenciaram a característica humanitária na descrição sucinta do autor. Portanto, “urge observar que a lucidez e, mesmo, em certos momentos, a frieza com que o autor disseca os estados de espírito dos personagens, alia-se a disfarçada piedade com que ele se inclina sobre eles” (BARBOSA, 1969, p. 2). E assim, Ricardo Ramos

não foge à análise em profundidade do drama individual de suas personagens, participantes do drama social maior que os aproxima a todos na solidão dos caminhos a escolher, na angústia das opções, no vazio que se abre diante de cada um e dos seus problemas de consciência política ou dos seus problemas puramente humanos dentro do cotidiano vulgar da vida em sociedade (BELO, 1968, p. 6).

As críticas enfatizam a imersão representativa de Ricardo Ramos no romance, principalmente exercitando a sua experiência enquanto publicitário, profissão na qual exerceu durante vários anos, o que contribuiu com “o aproveitamento da grande vivência do autor no assunto” (FISCHER, 1969, p. 11). Como Ricardo Ramos registrou em seu autógrafa ao escritor Hélio Pólvora, este romance é “feito de lembranças e intenções críticas”:

Lembranças, porque Ricardo Ramos vale-se outra vez de suas vivências e experiências pessoais: o romance transcorre no Rio, reflete jornalistas, publicitários e escritores no seu ganha-pão diário, ambientes e gentes que o escritor conhece bem; intenções críticas, porque o romance é um debate sobre a frustração, a vida incolor dos que tentam mas, absorvidos pela necessidade de ganhar o sustento, não chegam a realizar-se literariamente (PÓLVORA, 1969, p. 95).

Ricardo Ramos manifestou-se neste romance através da confluência entre linguagem literária com tendências e influências jornalísticas, sendo ele um autor literário que utilizou de recursos linguísticos do jornalismo. A partir dos apontamentos críticos da obra, podemos identificar que toda essa experiência vivenciada e personificada pelo autor foi transposta para a literatura e contribuiu para firmar seu estilo objetivo, claro e realista.

Considerações finais

Por meio do personagem principal do romance que, por sua vez, é caracterizado como jornalista e também pela linguagem enxuta e sem adjetivação do ambiente, temos que essa descrição concisa da atmosfera possuiu a verossimilhança com seu discurso da realidade, pois, de fato, a escrita jornalística “lança mão de inúmeros recursos narrativos

desenvolvidos tecnicamente ao longo da história das civilizações. A base de determinante a tais recursos é a verossimilhança” (KNOPP, 2010, p. 28).

Ao evitar os adjetivos ao descrever tanto os personagens e o ambiente com concisão, o autor mantém um distanciamento sutil do enredo, sendo essa prática também desenvolvida na produção dos profissionais de jornalismo. Essa forma de narrar um acontecimento posiciona o autor no espaço de isenção com o ambiente retratado, numa tentativa de mostrar maior precisão no relato, sem o envolvimento emocional e dramático para que o próprio leitor possa interpretá-lo e produzir sua visualização sobre o ambiente, situações e personagens.

De fato, o romance ficcional não é jornalismo, não condiz com a apuração do campo, pois na literatura não há a necessidade de fidedignidade com a representação da realidade observada e relatada. Contudo, pode-se dizer que, este romance é uma ficção inspirada pela vivência própria do autor, que se manifestou na escrita por meio de sua prática jornalística, uma vez que demonstra o ambiente fictício através do linguajar preciso e sem adjetivos, elementos técnicos típicos das redações de jornalismo.

Referências

ACÁCIO, Nome. Memória de setembro. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 11 dez. 1968. Livros.

ANDRADE, Euclides Marques. Notas sobre livros. *O Diário*. Belo Horizonte, 29 maio 1969.

BARBOSA, Romes. A náusea de cada dia. *O Estado de S. Paulo*, 08 fev. 1969. Suplemento Literário.

BELO, G. V. *Diário de Pernambuco*. Recife, 13 dez. 1968. Diário Literário.

BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. O gênero “notícia”: uma proposta de análise e intervenção. In: *CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS*. 3, 2007, Maringá. Anais Maringá, 2009, p. 1791-1799.

FISCHER, A. Romance de contista. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 jun. 1969. Suplemento do Livro.

FONTANA, Mônica. Os limites entre fato e ficção: jornalismo literário em perspectiva. *Anais PG Letras, 30 anos*, vol. 1. Disponível em: http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/3.%20Pesq%20em%20andamento%20Literatura/3.6_Monica_Fontana.pdf. Acesso em: 21 jul. 2013.

KARAM, Francisco José Castilhos. *A ética jornalística e o interesse público: Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo: Summus, 2004.

KNOPP, Fellipe da Costa. *Hipostasia do simulacro, verossimilhança e estética da fragmentação no noticiário: uma breve leitura crítica da ideologia-residual na(s) narrativa(s) mediática(s)*. Monografia. Faculdades Integradas Hélio Alonso, 2010.

MARTINS, W. A Ficção de nosso tempo. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 07 jun. 1969. Suplemento Literário.

MELO, J. M. *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELLO, João Baptista Ferreira de. *A olímpica e nova identidade internacional da cidade maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro*. Anais do Solar Nucleas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

MOUTINHO, Nogueira. *Memória de Setembro e O Viaduto. Folha de S. Paulo*. São Paulo, 05 jan. 1969. Ciência e Cultura.

NASCIMENTO, Esdras do. *As Memórias de Setembro de um escritor de quarenta anos. Fatos & Fatos*, 26 dez. 1968. Livros.

PÓLVORA, Hélio. *Memória de Ricardo. Jóia*, fev. 1969. Livros.

RAMOS, Ricardo. *Memória de Setembro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

RAMOS FILHO, Ricardo. *O universo silencioso de Ricardo Ramos*. Disponível em: <http://escritablog.blogspot.com.br/2013/02/ricardo-ramos-por-ricardo-ramos-filho.html>.

JORNALISTIC EXPERIENCE AND INFLUENCE IN THE NOVEL “MEMÓRIA DE SETEMBRO”, BY RICARDO RAMOS

ABSTRACT

This article seeks to demonstrate the journalistic influence presents in *Memória de Setembro* written by Ricardo Ramos, Brazilian writer and journalist. Through the observation of writing elements characteristic of journalism, as the author's own experience as a journalist, it is intended to consider, in this romance, some of the elements that give verisimilitude and also point out some aspects of the journalistic style in the above narrative of the writer.

Keywords: ricardo ramos, journalism, literature, *memória de setembro*.

Recebido em 17/09/2013.

Aprovado em 14/02/2014.